



## A MULHER E O HOMEM NO IMAGINÁRIO DE *THE HANDMAID'S TALE*

**Henrique Moura** – [henrique.moura.pereira@usp.br](mailto:henrique.moura.pereira@usp.br)

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; bolsista CAPES; <http://orcid.org/0000-0002-8411-3947>

**RESUMO:** A série *The handmaid's tale* apresenta como ponto central a questão da condição da mulher em um futuro no qual aparece completamente subjugada, compartilha-se com a audiência de maneira bastante clara a questão de gênero. Este estudo busca analisar as representações da mulher e também do homem na obra ficcional, norteando-se pelos personagens June/Offred e o Comandante Fred Waterford. A metodologia aqui empreendida baseia-se na mitocrítica proposta por Gilbert Durand (1985) e em perspectivas advindas da sua teoria geral do imaginário. Por exemplo, o mapeamento de elementos míticos presentes nas narrativas que mostram a presença dos mitos apolíneo e dionísio norteando o imaginário da série, em momento seguinte, detém-se na lição mítica do último mito referente a representação dos excessos e seus efeitos na construção das personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** *The handmaid's tale*; Durand; Imaginário; Mitocrítica.

### 1 INTRODUÇÃO

A série de televisão estadunidense *The handmaid's tale*, baseada no romance homônimo, publicado em 1985, da canadense Margaret Atwood, foi criada por Bruce Miller para exibição em 2017, no Hulu. Ao longo de dez episódios o público acompanha os acontecimentos oriundos de um governo cristão totalitário, a República de Gileade, implantado no território que fora um dia os Estados Unidos. Sob esse regime militarizado e fanático as mulheres são organizadas em uma espécie de castas, nas quais são brutalmente subjugadas e proibidas de trabalhar, controlar dinheiro, ler, etc. Sobressai-se nesse cenário caótico o fato de as taxas de fertilidade terem caído em todo o mundo e haver o recrutamento das mulheres férteis, as chamadas servas, para casas da elite onde são submetidas às cerimônias (rituais de estupro), a fim de gerarem filhos aos casais<sup>1</sup>.

A personagem central da série, June Osborne, levava uma vida sem muitos conflitos antes da instauração da República de Gileade, mas torna-se serva na residência do Comandante Fred e de sua esposa Serena Waterford, onde June é renomeada Offred (De Fred), ficando sujeita à vigilância e regras rigorosas e caso não as cumpra pode ser executada. June/Offred consegue se lembrar do seu passado,

---

<sup>1</sup> Nessa sociedade as mulheres estão divididas em seis classes: 1 – Handmaids (Aias) que são as mulheres férteis, designadas a viverem nas casas dos comandantes da República de Gileade; 2 – Wives (Esposas) são as que têm maior *status* na organização social, casadas com os comandantes; 3 – Aunts (tias) responsáveis pelo treinamento e a doutrinação das servas, por supervisionar os nascimentos das crianças e presidirem os Salvamentos; 4 – Marthas empregadas domésticas nas casas das famílias ricas; 5- Jezebels que não são assimiladas à ordem de Gileade e são prostituídas na Casa de Jezebel e 6 – Unwomen, as mulheres não socialmente adaptáveis como freiras, viúvas, estéreis, *gender truitos*, etc.

apresentado em *flashbacks*: era casada, tinha uma filha, um trabalho e uma identidade própria. Atuam, dessa maneira, na narrativa, dois tempos diegéticos: o presente, com a consolidação da República de Gileade e o passado que se subdivide em anterior e pré-Gileade.

Emprende-se neste artigo analisar a construção das personagens femininas e masculinas na série, focalizando nas primeiras a protagonista June/Offred e nas segundas o Comandante Fred, a fim de verificar quais são os papéis/lugares que elas ocupam. Aparentemente as personagens femininas parecem ser mais complexas em detrimento das masculinas, em especial, a da figura do Comandante que demonstra certa representação estereotipada, por isso busca-se mapear os trajetos que ambas percorrem ao longo dos episódios para se pensar se tal intuição se confirma ou não.

## 2 AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO HOMEM

No intuito de se refletir a questão das representações da mulher e do homem na série, parte-se do método mitocrítico para identificar os elementos míticos que a obra cultural apresenta, analisá-los criticamente e compreender os significados que o produto televisivo traz ao espectador. Tal perspectiva parte da ideia de que os discursos e as narrativas (não-míticas) têm suas matrizes nos mitos, estabelecendo com essas narrativas diversas correlações, sendo orientados ou desorientados por eles<sup>2</sup>. A mitocrítica proposta por Durand (1985), partindo de um recenseamento de imagens simbólicas divide-se em três momentos que decompõem os estratos mitêmicos<sup>3</sup>:

1 – Constitui-se do levantamento dos “temas”, por vezes dos motivos redundantes, que constituem as sincronias míticas da “obra”.

2- Dedicar-se a examinar as situações e a combinatoria de situações, personagens e cenários.

3 – Por fim, examina-se quais são as diferentes lições míticas e as correlações com as de outros mitos coexistentes.

Uma breve explicação da metodologia aqui mobilizada pode ser encontrada em Soares e Anaz (2017) em artigo sobre o filme *Blade runner*.

---

<sup>2</sup> Mostra-se pertinente a explicação de Soares e Anaz (2017): “A tese de que os discursos e as narrativas (não-míticas) têm nos mitos suas matrizes, e conseqüentemente estabelecem diferentes graus de correlação com as narrativas míticas e são orientados ou desorientados por elas, tem sido defendida por pensadores e estudiosos como Mircea Eliade (1998), Northrop Frye (1973), Michel Maffesoli (2010) e Gilbert Durand (1985, 2004, 2012), a partir de diferentes perspectivas. Para eles, as obras culturais [...] trazem resíduos de elementos míticos e a ação de identificá-los e analisá-los criticamente contribui para vislumbrar os significados que a obra abre ao leitor ou à audiência” (SOARES e ANAZ, 2017, p. 102).

<sup>3</sup> O segundo momento da mitocrítica, a mitanálise, a extensão para o campo das instituições e das práticas sociais, não será aqui trabalhado, pois para desenvolvê-la ou apontar algum indício em relação a ela, é necessário um significativo volume de produções culturais, de modo que com apenas uma temporada de uma série, tal como realizado neste artigo, isto mostra-se impossível.

[...] a mitocrítica está em busca de mitemas, isto é, das menores unidades semânticas dos mitos presentes no discurso narrativo. De forma sintética, pode-se afirmar que a mitocrítica explora de forma arqueológica e criticamente a narrativa em busca de identificar nela o(s) mito(s) patente(s) e latente(s) que a(s) orienta(m) ou desorienta(m) e compara os sentidos expressos nos mitemas com as lições míticas, revelando de que forma o(s) mito(s) relaciona(m)-se com a narrativa. (SOARES e ANAZ, 2017, p. 103)

Antes de desenvolver o mapeamento dos elementos simbólicos mais redundantes, a fim de verificar os mitemas da série *The Handmaid's Tale*, faz-se importante atentar-se à maneira como o tempo diegético se organiza na narrativa para melhor compreensão das mudanças nas atuações das personagens, ou seja, estruturado em três momentos: o principal com a chegada de June/Offred à casa dos Waterford e seu passado que aparece subdividido entre ocasiões anteriores e pré-consolidação da República de Gileade<sup>4</sup>.

Tal observação permite meditar melhor, pois demonstra a necessidade de pensar o percurso das personagens nos três tempos apresentados e que fazem parte do trajeto antropológico das personagens, concebido como: “[...] a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam no meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p. 41). Assim, o trajeto antropológico refere-se, nas palavras de Barros (2009) “ao lugar onde as imagens simbólicas se formam” (BARROS, 2009, p. 352)<sup>5</sup>. Entretanto, após refletir o conceito de trajeto antropológico, cabe observar que nesta análise da série procura-se pensar os regimes de imagem (diurno e noturno) e suas lógicas.

Em relação a June percebe-se que na linha do tempo principal, referente à chegada à casa dos Waterford, há um período com momentos pontuais de atenuação das dificuldades existenciais, sobressaem-se as partidas de *scrabble* com Fred à noite no escritório dele e o relacionamento sexual/afetivo com Nick, o motorista da casa. Nos momentos passados, tem-se no período anterior à consolidação de Gileade, marcado pela liberdade e heterogeneidade, o domínio da lógica do repouso, do equilíbrio e da atenuação das dificuldades existenciais, assim vê-se a aceitação do dionisíaco (o prazer

<sup>4</sup> Nota-se que June e seu marido estão presentes nos dois tempos, ao passo que há apenas um *flashback* do Comandante e igualmente um do seu motorista – em momentos anteriores e pré-Gileade. No caso de Nick, o motorista, com um instante que demonstra mudança interna importante, trata-se de quando aceita trabalhar para a República de Gileade, o que ocorre em função do desvio de conduta do Comandante Fred ao ter se envolvido com a Offred anterior.

<sup>5</sup> Durand (2002) nas conclusões de seu percurso metodológico sinaliza: “Limitamo-nos a uma simples aproximação que permitiu fazer emergir, com um método que poderíamos chamar microcomparativo, séries, conjuntos de imagens, e percebemos, rapidamente, que essas convergências evidenciavam os dois aspectos do método comparativo: o seu aspecto estático e o seu aspecto cinemático, o que significa que as constelações se organizam ao mesmo tempo em torno de imagens de gestos, de esquemas transitivos e igualmente em torno de pontos de condensação simbólica, objetos privilegiados onde se vêem cristalizar os símbolos” (DURAND, 2002, p. 45). De modo didático, o trajeto antropológico pode ser pensado a partir de regimes de imagens (diurno, noturno, crepuscular), reflexos fisiológicos básicos (postural, digestivo, copulativo), esquemas mentais (ascensão e separação; descida e acoramento; cíclico), estruturas mentais (heroicas, místicas, sintéticas), esquemas verbais (distinguir, confundir, ligar), mundo natural e social (imagens, símbolos, arquétipos e mitos), arquétipos “atribuídos” e lógicas de regência a partir de microuniversos (heroico, místico e sintético).

e o outro) – destacam-se as cenas em que ela tem a possibilidade de se relacionar afetiva/sexualmente com o homem que se tornaria seu marido. No segundo momento do passado, homogêneo, marcando o fim das liberdades, nota-se a lógica do combate e da exacerbação das dificuldades existenciais, sobressai-se o apolíneo (a perfeição e a ordem) – June/Offred batalha para conseguir sobreviver a República de Gileade.

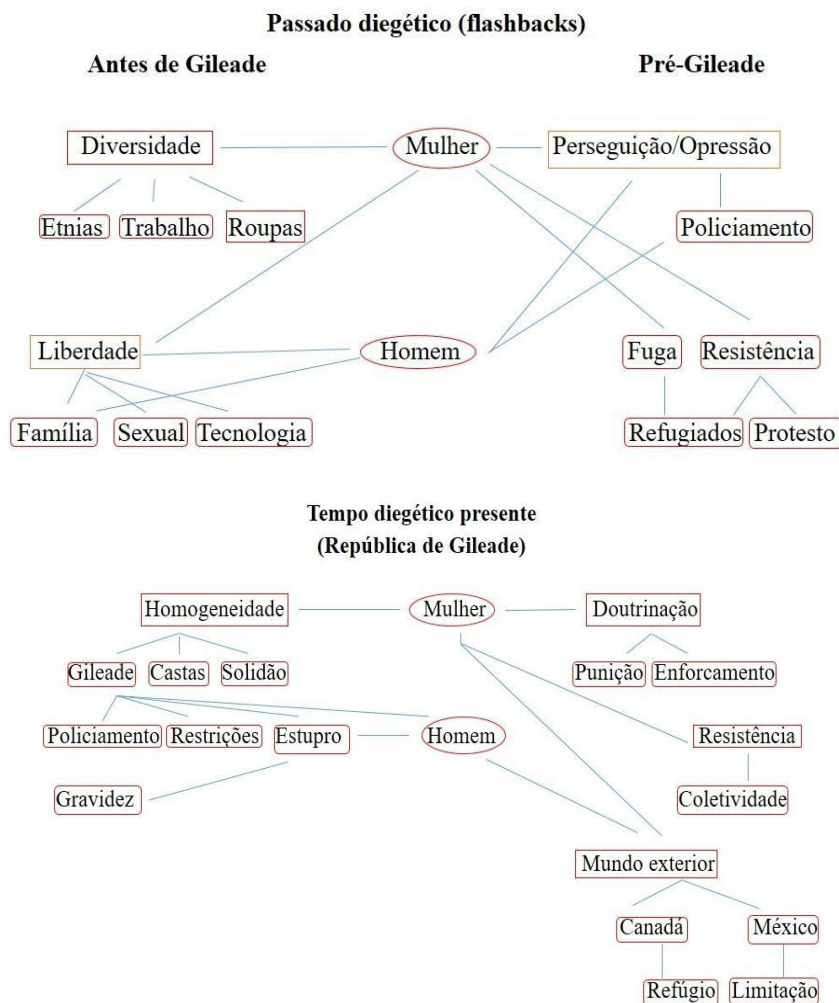
Enquanto no trajeto do Comandante observa-se, no tempo diegético presente, a regência do microuniverso místico, com a atenuação das dificuldades existenciais, a lógica do repouso e do equilíbrio, nota-se a exacerbação do apolíneo (a perfeição e a ordem) em um primeiro momento e, posteriormente, uma descida ao revelar uma mancha, o oculto, na República de Gileade, a Casa de Jezebels, uma espécie de *sex club*/prostíbulo frequentada pelo Comandante<sup>6</sup>. Sobressai-se, diferentemente, no momento do seu *flashback* um regime de imagens diurno, destacando sua relação conservadora com a esposa, dentro de certa normalidade de um tempo ainda marcado pela diversidade e liberdade, destaca-se a cena em que o casal vai ao cinema.

Havendo refletido o regime de imagens das duas personagens em análise, cabe então, seguindo a metodologia, mapear os elementos simbólicos mais redundantes na série, ressalta-se, outra vez, que nesta análise detém-se apenas nas personagens June/Offred e Comandante Fred, um estudo mais exaustivo poderia se dedicar a todas as personagens (femininas e masculinas) na série, entretanto, aqui fez-se a escolha pelo Comandante Fred por parecer a personagem masculina mais significativa da primeira temporada. O mapa pode ser observado a seguir:

---

<sup>6</sup> Observa-se claramente o diálogo entre a obra e a Bíblia, ao passo que a cerimônia de concepção (estupro) que ocorre em Gileade, provém da interpretação da passagem do Livro de Gênesis que explica a origem dos filhos de Jacó: “Vendo que Raquel não dava filhos a Jacó, teve ciúmes de sua irmã e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morrerei. Então, Jacó se irou contra Raquel e disse: Acaso, estou eu em lugar de Deus que ao teu ventre impediu frutificar? Respondeu ela: Eis aqui Bila, minha serva; coabita com ela, para que dê à luz, e eu traga filhos ao meu colo, por meio dela. Assim, lhe deu a Bila, sua serva, por mulher; e Jacó a possuiu. Bila concebeu e deu à luz um filho a Jacó” (Gênesis, 30:1-5). Mas também pode-se notar o nome Jezebel vindo do mesmo livro, a Bíblia, em que a personagem é retratada como uma rainha com viés corrupto, injusto e devasso.

**Figura 1** – Mapa dos elementos simbólicos mais redundantes na série



Fonte: elaborado pelo autor

O mapeamento facilita a melhor visualização dos elementos simbólicos mais redundantes na série, permitindo perceber a mobilização do arquétipo do herói, no sentido mesmo da construção da jornada de June. Depreende-se a partida do mundo diversificado em que tinha sua identidade própria; a chegada ao mundo homogeneizante e doutrinator da República de Gileade onde tenta lutar para superar as limitações, seja fugindo ou combatendo e por fim, no último episódio da primeira temporada, o que poderia ser pensado como retorno ou a fuga em que não se tem clareza a respeito do futuro da personagem. Reencontrará a família ou sofrerá alguma punição? – visivelmente um gancho para a segunda temporada. Em contraposição à protagonista percebe-se quase um *continuum* na figura do Comandante, apesar de passar de um homem aparentemente sério e bem-intencionado a um dos mentores de Gileade, com uma faceta da vida pessoal oculta e proibida.

Observa-se que a realização do mapeamento dos elementos simbólicos mais redundantes aponta, nesta análise, para mitemas como diversidade, herói, duplo, relações familiares, purificação e prazer. Na perspectiva de Durand, os mitemas, sendo as menores unidades de um mito, oferecem pistas para identificar os mitos patentes e latentes nas narrativas. Assim, no caso de *The handmaid's tale*, pode-se depreender a presença dos mitos apolíneo e dionisíaco, com as seguintes lições míticas: consciência e angústia da morte, insurreição contra a autoridade, busca pelo paraíso perdido, aceitação do diferente, ambição humana desmedida e a representação dos excessos<sup>7</sup>.

Concentra-se, entretanto, na última lição a fim de analisar quais os efeitos dela nas personagens, sem embargo, de antemão, vale mostrar que a coincidência com o trabalho de Anaz (2017) sobre a série *Sense8*:

[...] na representação que faz da diversidade contemporânea, o imaginário que emerge da primeira temporada de *sense8* traz imagens que se contrapõe (ou buscam se contrapor) a estereótipos e estigmas a partir do preenchimento do que está deliberadamente ausente ou degradado em perspectivas estereotipadas. Uma das formas para fazer isso é o recurso às lógicas de ação antagônica. (ANAZ, 2017, p. 89)

Ao longo da primeira temporada de *The handmaid's tale* a representação da mulher e do homem igualmente aparece com imagens que se contrapõem a estereótipos, busca-se então rastrear esses momentos de contraposição nas duas personagens, no que tange também à representação dos excessos:

#### Quadro 1 – Representação dos excessos das personagens e seus efeitos

PERSONAGEM	EXCESSOS E EFEITOS
June/Offred	Relacionamento com Nick, o envolvimento com o Comandante e o amor que sente pelo marido e a filha; a ida à Casa de Jezebels (que foi levada por Fred) <b>Efeito:</b> Tortura psicológica como castigo, dado pela esposa do Comandante, de ver sua filha ao longe sem poder falar com ela. Ficar grávida de um filho de Nick e a posterior saída da casa sem rumo certo.
Comandante Fred Waterford	Frequentar a casa de Jezebels e ser mentor de Gileade, envolvimento com June e com a antiga Offred – coisas proibidas na República. <b>Efeito:</b> Desavença com a esposa, mas uma história paralela mostra que atitudes como as dele podem levar à punições sérias, a exemplo disso, em caso similar, da amputação da mão de outro comandante.

Fonte: elaborado pelo autor

<sup>7</sup> Apolo, na mitologia greco-romana, deus das artes, representa o belo, a razão, o equilíbrio, a perfeição e a ordem. Dionísio, bastante conhecido como deus do vinho, das festas/bacanais, é “[a] Representação de pura hybris, pois sua vida é cercada de embriaguez, orgia, sadismo, dilaceramentos e sensualidade, ele complementa os mitos de glória à harmonia e à ordem, introduzindo a demência e os excessos (luxúria e liberdades extremas) que levam à morte, e fazendo a integração da imperfeição humana ao universo divino” (ANAZ, 2017, p. 83). Nesta análise foca-se a lição mítica dionisíaca desses excessos que levam ao trágico.

O mapeamento mostra que June/Offred tem um trânsito equilibrado pelos três eixos de representação, enquanto o Comandante predomina sob o eixo místico. Um exemplo interessante de diferença nas lógicas das duas personagens é o episódio 8, que trata da casa de Jezebels, nele o Comandante Fred leva June/Offred à casa de prostituição e lá encontram Moira, amiga de June. Enquanto o comandante permanece no divertimento e *flashbacks* do seu motorista, Nick, mostram como ele se envolveu com Gileade: depois do relato de que Fred rompeu o protocolo com sua serva, revelando o suicídio da Offred anterior e a esposa do Comandante o indagando sobre o que ele achava que iria acontecer. Assim, há um desvelamento da figura do Comandante que vinha até aqui sendo mostrado como alguém sério, de modo a intrincar sua personalidade. Soma-se a isso o episódio 4 que o mostra com a esposa no período anterior à Gileade, mas parece revelar (nessa temporada) mais a respeito dela do que dele: Serena era uma ativista cultural conservadora que inclusive tinha publicado um livro, no entanto, fica totalmente excluída do novo governo – destaca-se a cena, no tempo presente, em que seu livro é jogado ao lixo.

O Comandante ainda que com nuances complexas aparece representado, na primeira temporada, de modo um pouco estereotipado – a representação do homem heterossexual, poderoso, corrupto, sedutor e invencível. Apesar de ter características contraditórias, verificáveis ao nível do eixo sintético, como a virtude de ser marido dedicado e sua face viciosa ao mostrar seu lado corrupto e hipócrita. Possivelmente a representação tende a acentuar as contradições, problematizando-o ainda mais, em temporadas subsequentes.

Em oposição a essa lógica de repouso, no episódio 8, June/Offred ao encontrar sua amiga, tenta planejar uma fuga, ressalta-se a lógica do combate, a busca pelo paraíso perdido (reencontrar a família) e a exacerbação das dificuldades existenciais. Ao chegar em casa, o motorista rompe o relacionamento com a protagonista, deixando-a irritada, nota-se nisso que apesar das adversidades ela ainda mantém a busca pelo prazer, o que lhe é terminantemente proibido, além da empatia pelo outro. Dessa maneira, percebe-se maior equilíbrio entre os três níveis de representação, com destaque para atitudes que poderiam ser consideradas antagônicas como desejo de reencontrar o marido e o envolvimento com o motorista. Não há uma valorização da lógica heroica em seu percurso o que poderia se imaginar em se tratando de uma série com uma perspectiva tão delicada. Nessa interpretação levanta-se a hipótese de que isso contribui para um processo de humanização da personagem e de maior identificação com a audiência e não criação estereotipada<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Destaca-se que curiosamente o marido de June é retratado de modo muito mais virtuoso, obstinado a restabelecer a família. Na primeira temporada pode-se dizer que faz o papel da mocinha nos filmes que espera pelo herói. Assim a série consegue subverter a lógica que o espectador acaba se acostumando, a de ver a mulher num lugar passivo e romantizado. Acrescenta-se que evidentemente não é a única produção a fazer esse tipo de representação feminina.

Nota-se, a partir dessa análise, uma complexidade maior na representação da personagem feminina, ressaltando-se o importante fato de ela ser a protagonista da série, mas sem que a representação das personagens que a rodeiam seja totalmente estereotipada. Dessa maneira, as personagens são dinâmicas e complexas, possibilitando que os espectadores percebam um contexto de rebaixamento das mulheres e domínio da intolerância e discriminação sexual e racial em que os excessos têm seu preço fatal: no caso de June pode estar caminhando para uma punição – embora a fotografia e a trilha sonora não reforcem essa visão; e o Comandante em determinado momento participa do julgamento de outro que recebe como castigo a amputação da mão, mostrando que também Fred está sujeito a esse tipo de penalidade, de consequência trágica, mas demonstra, sobretudo, a falsa moralidade que impera na República e que mantém as vantagens masculinas. Assim, os excessos de June (o relacionamento com Nick) ditam seu rumo à incerteza, enquanto os do Comandante o deixam continuar no mesmo lugar, sem ter sido prejudicado em nada, evidenciando os privilégios de certos homens em sociedades machistas, em detrimento daqueles e daquelas que não detêm o poder.

Por fim, nesta seção, cabe ressaltar que tal análise mostra questões latentes na série, pois o viés escolhido pelos realizadores não se detém às consequências fatais dos excessos para as personagens centrais, ao contrário prevalece uma atenuação desses resultados, talvez a fim de permitir continuidade da série e também para apontar uma abertura ao clássico final feliz com a vitória do herói, no caso, heroína, que tende a passar por novas dificuldades na segunda temporada já no ar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se mostrar neste artigo como são representados a mulher e o homem na série *The handmaid's tale*, baseando-se na análise mitocrítica. Observou-se a partir dos mitemas levantados na primeira temporada da série a presença dos mitos apolíneo e dionisíaco como orientadores do imaginário acionado pela obra. Ao buscar as lições míticas focou-se na representação dos excessos (lição mítica dionisíaca), numa hipótese de que tal representação contribuiria para se pensar a constituição das personagens e suas complexidades numa perspectiva a guiar o olhar ao futuro diegético e compreender melhor as contradições do tempo presente da narrativa. Parafraseando a famosa fala pode-se afirmar que a construção das personagens permite verificar que há algo de muito podre na República de Gileade. Seria apenas lá ou a série indica que essa distopia pode estar muito mais próxima do que a audiência pode imaginar? Além disso, nota-se que a criação das personagens não realiza enfoques estereotipados, ao contrário, tanto as mulheres quanto os homens na série compartilham com os espectadores suas fragilidades e desvios que podem até mesmo levá-los a um final trágico.



#### 4 REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ANAZ, Sílvio. O arcaico e o contemporâneo em sense8: representações arquetípicas da diversidade. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 40, p. 77-95, set./dez. 2017.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário: algumas contribuições da Escola de Grenoble. In: LEÃO, Lúcia. *Processos do imaginário*. São Paulo: Képos, 2016.

DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, método e aplicações transdisciplinares. *Revista Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 11 (1/2), p. 243-273, 1985.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

SOARES, Rosana; ANAZ, Silvio. O mesmo e o outro em *Blade Runner*. *Revista Triade*, Sorocaba, v. 5, n. 9, p. 98-111, jun. 2017.

THE handmaid's tale. Criador: Bruce Miler, a partir do romance homônimo de Margaret Atwood. EUA: Hulu, 2017. Temporada 1, episódios de 1 a 10, streaming.

***Title***

Woman and man in the imaginary of The handmaid's tale.

***Abstract***

The handmaid's tale series presents the woman's condition in a future in which she appears completely subdued; where the issue of gender is clearly shared with the audience. This one study seeks to analyze the representations of women and men in this fictional work, guided by the characters June/Offred and Commander Fred Waterford. The methodology undertaken here is based on the mythocritics proposed by Gilbert Durand and in perspectives from his general theory of the imaginary. For example, the mapping of mythical elements present in the narratives that show the Apollonian and Dionysian myths guiding the imaginary of the series, in the next moment, dwells on the mythical lesson of the last myth concerning the representation of excess on character construction.

***Keywords***

The handmaid's tale; Durand/ Imaginary; Mythocritics.

---

Recebido em: 03/03/2020.

Accito em: 31/03/2020.